



Introdução: O mistério que o mundo não compreende

Num tempo que exalta a autonomia, a autossuficiência e o esquecimento de Deus, falar da Virgem Maria como *Corredentora e Medianeira de todas as Graças* parece quase uma provocação.

Muitos perguntam: “Por que tanto falar de Maria? Cristo não é suficiente?”

Mas essa pergunta – embora pareça justa – nasce de um equívoco: a ideia de que honrar Maria significa tirar glória de Cristo.

Na verdade, acontece o contrário: **Maria não tira, multiplica; não obscurece, reflete; não compete, coopera.**

Ela é a criatura que mais perfeitamente participou do plano salvífico de Deus, e sua missão materna continua hoje na vida de cada crente.

1. A origem dos títulos: história e doutrina

Desde os primeiros séculos, a Igreja reconheceu em Maria um papel único na obra da Redenção. Os Padres da Igreja chamavam-na a *nova Eva*, porque assim como a primeira mulher cooperou na queda do homem, **a Virgem Maria cooperou na sua salvação**. São Irineu de Lião (século II) escreveu:

“Assim como pela desobediência de uma mulher o homem caiu,
pela obediência de outra mulher o homem foi redimido.”

Esse princípio teológico é a raiz da doutrina de Maria como *Corredentora*: não no sentido de que seja igual a Cristo, mas porque, **de forma subordinada**, participa da obra que Cristo, como único Redentor, realizou.

Na Idade Média, santos como **Bernardo de Claraval, Boaventura e Afonso Maria de Ligório** aprofundaram essa doutrina, compreendendo que o “sim” de Maria não foi uma palavra passiva, mas uma doação total ao plano de Deus – uma participação consciente e dolorosa na Redenção.

São **João Paulo II** falou várias vezes de Maria como “Corredentora” e explicou que a sua cooperação “manifestou-se de modo especial sob a Cruz, onde Cristo completou a Redenção



do mundo” (*Discurso de 8 de setembro de 1982*).

2. Maria ao pé da Cruz: o coração transpassado

O ponto culminante da obra corredentora de Maria é **o Calvário**.

Ali, aos pés da Cruz, não há rebeldia nem desespero, mas uma união mística de dor e amor. São João narra com comovente simplicidade e profundidade:

*“Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe,
Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.” (Jo 19,25)*

Nenhuma palavra humana pode expressar o que significou para uma mãe ver morrer seu Filho inocente.

Contudo, Maria **não foge, não se lamenta, não se rebela**: permanece, unindo a dor de seu coração ao sacrifício do Filho.

Quando Jesus diz:

*“Mulher, eis aí teu filho” (Jo 19,26)
e ao discípulo:
“Eis aí tua mãe” (Jo 19,27),
Ele institui Maria como **Mãe de todos os redimidos**.
Naquele instante, a dor transforma-se em maternidade universal:
Maria participa não apenas com compaixão, mas com verdadeira
cooperação no mistério da salvação.*



3. Corredentora, sim - mas sempre dependente de Cristo

O título *Corredentora* não significa que Maria redima por sua própria força, mas que **colabora livremente com Cristo Redentor**.

Ele é a única causa principal da salvação; ela é a causa subordinada e instrumental, unida a Ele pela pura graça.

A *Corredenção* de Maria não é uma segunda redenção, mas a mais alta participação de uma criatura na única Redenção.

São **Pio X** expressou isso claramente:

“Maria, unida com Cristo na obra da salvação, foi com Ele e por Ele a Corredentora do gênero humano.”

Esse título não diminui a glória de Cristo, porque **a mediação de Maria é totalmente subordinada à d’Ele**.

Maria não se interpõe entre Deus e os homens para substituí-lo; ao contrário, **aproxima-nos Dele com ternura e poder maternos**.

4. Maria, Medianeira de todas as Graças

Se Maria participou da Redenção no Calvário, participa agora no Céu na distribuição das graças.

Por isso, a Igreja a chama de *Medianeira de todas as Graças*.

Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens (1Tm 2,5).

Mas assim como os santos intercedem por nós, Maria o faz de modo eminente, pois é **a Mãe do Mediador**.

A sua mediação não se soma à de Cristo, mas **brota dela** e sempre conduz a Ele.

São **Luís Maria Grignon de Montfort** expressou isso de forma sublime:



“Deus Pai reuniu todas as águas e chamou-as mar; reuniu todas as graças e chamou-as Maria.”

Tudo o que recebemos de Deus passa pelas mãos de Maria.
Não porque Deus não possa conceder-nos diretamente, mas porque **quis honrá-la fazendo dela o canal universal da Sua misericórdia.**

5. Atualidade do tema: Maria diante do neopaganismo moderno

Num mundo que rejeita a Cruz e idolatra o ego, **Maria torna-se o antídoto contra o orgulho contemporâneo.**

O seu *fiat* – “Faça-se em mim segundo a tua palavra” – é a resposta que o mundo de hoje mais precisa ouvir.

Ela nos ensina que a salvação não está na autossuficiência, mas na obediência amorosa; não na força, mas na entrega; não no ruído, mas no silêncio fecundo da alma.

O mundo pós-moderno, que idolatra a independência, deve voltar o olhar para a Mulher que **não se impõe, mas se doa.**

Maria recorda-nos que só quem se une a Cristo na Cruz participa verdadeiramente da salvação dos outros.

6. Prática teológico-pastoral: viver hoje a Corredenção

Crer em Maria como Corredentora e Medianeira não é uma teoria abstrata, mas um convite a **participar pessoalmente na obra redentora de Cristo.**

Segue um guia espiritual para viver essa doutrina no cotidiano:

1. Oferecer os próprios sofrimentos

Cada dor, cada dificuldade pode ser unida aos sofrimentos de Cristo e de Maria.



Diz cada manhã:

*“Mãe, ofereço contigo as minhas dores pela salvação das almas.”
Assim, o sofrimento deixa de ser inútil e torna-se instrumento de
graça.*

2. Rezar o Rosário com intenção redentora

O Rosário não é apenas uma devoção piedosa, mas uma verdadeira *escola de corredenção*.
Cada Ave-Maria é uma participação na obra salvífica do Filho.
Reza-o oferecendo cada mistério pela conversão do mundo.

3. Exercitar a mediação mariana

Imita Maria tornando-te mediador de paz e de graça ao teu redor.
Sê ponte entre Deus e os homens: na tua família, no trabalho, na comunidade.
Cada vez que consolas, perdoas ou intercedes, **participas da sua mediação materna.**

4. Consagrar-se a Maria

A consagração mariana – como ensinou São Luís Maria Grignion de Montfort – é o caminho
mais perfeito para unir-se a Cristo.
Entregar-se a Maria significa deixar-se guiar pela Mãe do Redentor, para participar mais
plenamente da sua missão salvífica.

5. Promover a devoção mariana

Em tempos de confusão doutrinal e tibieza espiritual, é um ato de verdadeiro amor pastoral
difundir a devoção à Virgem.
Falar de Maria é falar do próprio Evangelho, porque **Maria conduz sempre a Jesus.**



7. Conclusão: Maria, o rosto materno da Redenção

Maria não é um acessório da fé cristã: **é parte essencial do plano de salvação.**

A sua presença na história da Igreja é a de uma Mãe que sofre, intercede e acompanha.

Cada vez que dizemos *“Rogai por nós, pecadores”*, reconhecemos a sua amorosa mediação; e cada vez que contemplamos o Crucificado ao seu lado, entendemos que a corredenção não é apenas um privilégio, mas também uma vocação partilhada.

Cristo nos redime; Maria nos ensina a cooperar com a Redenção.

Assim, a alma mariana – humilde, disponível e orante – torna-se espelho da graça redentora do Filho.

“E a partir daquela hora, o discípulo a recebeu em sua casa.” (Jo 19,27)

Receber Maria em casa significa recebê-la na vida, na alma, nas lutas diárias.

*Onde Ela entra, **entra a Graça**, porque continua a sua missão: conduzir-nos sempre e unicamente a Jesus.*